

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E CRIATIVIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Grandis, Francismére Rodrigues Depieri ¹

Os Distúrbios de Aprendizagem em crianças e adolescentes em nossas escolas envolvem o contexto sociocultural onde vivem, assim como, nas suas famílias e sociedade em geral. Nesse sentido, o sistema-educacional funciona de acordo com as regras e os padrões pré-estabelecidos, envolvendo de uma forma geral a família, pois a mesma está em permanente interação com o meio, que a influencia e é por ela influenciado.

Hoje não se desconsidera mais os alunos com alguma deficiência ou dificuldades de aprendizagem como algum tempo atrás, onde os mesmos eram escondidos pelas próprias famílias devidos a serem considerados como castigo de Deus, etc., toda a pessoa com alguma diferença não era bem vista pela sociedade num geral. Na atualidade, se tem equipes multi-profissionais como: pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, psiquiatras e neurologistas, que se preocupam com estes indivíduos que se encontra em dificuldades escolares. Mas nem todos os alunos que apresentam dificuldades podem ser considerados alunos portadores de distúrbios, pode-se perceber que algumas crianças têm mais dificuldades que outras no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, às vezes apresentam uma discordância extrema em relação as que aprendem como o esperado (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003).

Se por um lado o aluno com dificuldade de aprendizagem encontra um ambiente divergente no contexto escolar, por outro lado, como se pensar no desenvolvimento da criatividade nesses alunos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Arte: “O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho da força comunicativa dos objetos e luzes que buscam o sentido da vida” (PCNs, 2000, p. 21).

¹ Professora efetiva da rede Municipal de Ensino no Município de Campos de Júlio MT, Licenciada em Pedagogia e Ed. Artística, Especialista em Educação Inclusiva.

Desse modo pode-se observar que a criatividade ocupa uma função indispensável na vida das crianças e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna fator essencial para aprendizagem e a humanização. Nesse sentido pode-se pensar que o professor deve estar continuamente buscando novos conhecimentos e formas para trabalhar com a criatividade da criança segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais da Arte

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido a experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (op cit, p. 19).

A criação artística é extremamente importante para o desenvolvimento geral do ser humano, devendo ser trabalhada com liberdade e seriedade já que a criatividade é uma das mais ricas formas de expressão, ressaltando ainda que a criatividade ou expressão artística seja um dos maiores instrumentos da avaliação que o educador pode contar. Através dela pode se avaliar o grau de desenvolvimento mental das crianças, suas predisposições, seus sentimentos, além de estruturar a capacidade criadora, desenvolver o raciocínio, a imaginação, a percepção e o domínio motor.

A criatividade mobiliza continuamente nossas práticas culturais, mostrando-nos esteticamente as múltiplas visualidades, sonoridades, falas, movimentos e cenas. Desde nossa infância procuramos tomar consciência de como produzimos e as interpretamos, essa consciência pode nos ajudar a conhecer e reconhecer manifestações e interferências da arte em nossas vidas. Assim pode refletir que o papel do professor é de ser um mediador de conhecimentos durante as produções artísticas e estudo da arte, tomando as vivências dos alunos como pontos de partida para nossos saberes a serem aprendidos. (PCN/ARTE, 2001).

Pois além da liberdade de criação, é importante também valorizar, estimular toda e qualquer produção artística do aluno, para que o mesmo sintasse motivado a continuar criando. A criatividade pode ser sentida no fazer

artístico de todos os indivíduos, mas no fazer artístico das crianças aparece de um modo especial, ou seja, a criança não consegue se esconder em seus desenhos, ela mostra-se totalmente deixando-se expandir sem reservas, seja no desenho, na pintura, na modelagem ou na construção espacial. A criança revela diretamente o seu mundo, lembrando que todas essas atividades não verbais estão em contato direto com as emoções, os sentimentos e o intelecto da criança, permitindo trazer a tona algumas coisas daquilo que as palavras não conseguem atingir. (PCN/ARTE, 2001).

É onde a aprendizagem trabalhada através da criatividade acompanha o processo de desenvolvimento geral da criança e do jovem, observando que suas participações nas atividades do cotidiano social estão envoltas nas regularidades, acordos, regras, construções e leis que reconhecem na dinâmica social da comunidade à qual pertence, pelo fato de se perceber como parte construtiva da sociedade. Conforme nos coloca os Parâmetros Curriculares Nacionais da Arte (2000):

Assim sendo, é no final deste período de aprendizagem que o aluno, desenvolvendo práticas de representações mediante um processo de dedicação contínua, dominará códigos construídos socialmente em arte, sem perceber seu modo de articular tais informações ou sua originalidade (p.48).

A partir do exposto acima se pode refletir melhor sobre a relação desenvolvimento cognitivo e criatividade.

A aprendizagem vem sendo estudada cientificamente desde o século passado, embora tenha tomado maior espaço e importância no meio acadêmico entre as décadas de 1950 e 1970. Junto com os avanços obtidos através de pesquisas, diversos conceitos foram apresentados como uma tentativa de melhor explicar a aprendizagem e como se dá o seu processo. Apesar de existir diferentes conceitos, todos concordam que a aprendizagem implica numa relação dupla, tanto da pessoa que ensina com da que aprende, dessa forma a aprendizagem é melhor definida como um processo evolutivo e constante, que envolve um conjunto de modificações no comportamento do indivíduo, tanto a nível físico como a nível biológico, o ambiente em que se está inserido, etc. (SOUZA, 2007, p.1).

Sendo a aprendizagem um processo constituído por diversos fatores, sendo eles: fisiológico, biológico, neural, afetivo, dinâmico entre outros, é importante ressaltar que todos esses fatores precisam ter certo equilíbrio, se isso não ocorrer no processo de aprendizagem deste indivíduo, pode-se

estabelecer uma dificuldade de aprendizagem, a qual tem que ter uma diferenciação de transtorno de aprendizagem. Pois muitas crianças em fase escolar apresentam certas dificuldades em realizar uma tarefa, que podem surgir por diversos motivos, e a presença de uma dificuldade de aprendizagem não implica necessariamente em um transtorno que provocam uma série de perturbações no aprender da criança, interferindo no processo de aquisição e manutenção de informações de uma forma acentuada. (SOUZA, 2007).

Uma grande conquista ocorreu em 1988, quando o *National Joint Committee on Learning Disabilities* apresentou uma conceituação geral sobre esse tema.

Dificuldade de Aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas (FONSECA, 1995, 53).

Fonseca (1995) ainda salienta “As suas principais características compreendem uma dificuldade de aprendizagem nos processos simbólicos: fala, leitura, escrita, aritmética, etc.” (p. 253).

Esses transtornos são ligados ao indivíduo, supondo-se devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo da vida. Podem existir, junto com as dificuldades de aprendizagem, problemas de condutas, percepção social e interação social, mas não constituem por si próprias, uma dificuldade de aprendizagem. Ainda que as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer ao mesmo tempo com outras condições incapacitantes, por exemplo: deficiência sensorial, retardamento mental, transtornos emocionais graves, ou através de algumas influências tais como as diferenças culturais, instrução insuficiente, entre outras, ainda não são resultados dessas condições ou influências. (NATIONAL JOINT COMMITTEE ON LEARNING DISABILITES-NJCLD, 1988).

Nesta condição, recolhe-se a essência daquilo que podemos entender por dificuldade de aprendizagem, a partir de um enfoque fundamentalmente educativo, e Fonseca (1995) afirma ainda que uma criança com DA não pode ser confundida com uma criança com deficiência mental, pois a primeira não

possui uma inferioridade intelectual global, ou seja, tem uma inteligência normal, boa acuidade sensorial, ajustamento emocional e perfil motor adequados.

As dificuldades de aprendizagem pode ser um fenômeno que afeta toda a vida das pessoas, por motivo pelo qual não se pode falar somente de crianças com DA, mas, também de adolescentes e adultos com dificuldades de aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem consistem em uma conotação fundamentalmente educativa, portanto conceituar as dificuldades de aprendizagem, de uma maneira ou de outra, terá implicações tanto para a construção de um modelo de educação quanto para a educação especial.

Mesmo hoje, não podemos ignorar que, diante de qualquer alteração de comportamento, principalmente na escola, a primeira hipótese de explicação faz referências a um possível problema mental, hiperatividade ou dificuldades de aprendizagem, esquecendo assim que o aluno é uma pessoa com emoções e sentimentos, muitas vezes fazemos um julgamento equivocado e superficial do problema apresentado pela criança com dificuldade de aprendizagem.

Apesar do conceito de dificuldades de aprendizagem apresentar diversas definições e ainda ser um pouco indeciso seu resultado, é necessário que tentemos determinar a que fazemos referência com tal expressão ou etiqueta diagnóstica, de modo que se possa reduzir a confusão com outros termos tais como necessidades educativas especiais, transtornos de aprendizagem, etc.

Esse procedimento se modificou somente há poucas décadas, em decorrência, principalmente, dos avanços nas pesquisas neurológicas. Também a Psicologia, a Psicanálise, e a Psicopedagogia cuja contribuição está sendo significativa no sentido de colaborar para que a criança seja também considerada como dotada de sentimentos, que desde a vida intrauterina influenciam o seu comportamento. A Pedagogia, igualmente, acabou por repensar a sua prática, investigando mais profundamente a relação ensino-aprendizagem. E todos esses profissionais, atuando integralmente, dão um impulso à questão. (SISTO, 2001)

Há que se destacar que, com o surgimento e contribuições da Psicopedagogia, todos os conceitos envolvidos no aprender estão sendo reconsiderados. Por aprendizagem, por exemplo, estendeu-se o conceito para além do conhecimento formal, acadêmico. Qualquer sujeito, independente do seu comprometimento corporal, orgânico, cultural ou psicológico se relaciona e elabora aprendizagem, pois é um ser social, que estabelece relações vinculares durante toda a sua existência. (SISTO, 2001)

Nos dias de hoje, fica cada vez mais claro que se faz necessário considerar o aspecto orgânico como importante na avaliação do problema de aprendizagem, no entanto é, também, indispensável que o aspecto cognitivo e afetivo seja ponderado na elaboração do diagnóstico, como também no tratamento indicado. Além desses fatores, não se pode deixar de levar em conta os níveis econômicos e culturais em que o grupo familiar da criança se encontra, bem como o tipo de escola que frequenta,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEREIRA, P.A. *Desafios Contemporâneos para a Sociedade e a Família*. In Revista Serviço Social e Sociedade. Nº 48, Ano XVI. São Paulo, Cortez, 1995.

SISTO, F. F. (2001a). **Dificuldades na aprendizagem em escrita**: um instrumento de avaliação (ADAPE). Em F. F. Sisto, E. Boruchovitch, L. D. T. Fini, R. P. Brenelli, & S. C. Martinelli (Orgs.), *Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico* (pp. 190- 213). Petrópolis: Vozes